

BICHO DOMÉSTICO, ANIMAL DE CARGA, OBJETO DE USO: A CONDIÇÃO DO NEGRO ESCRAVIZADO NO ROMANCE CHEGOU O GOVERNADOR DE BERNARDO ÉLIS

*DOMESTIC ANIMAL, CARGO ANIMAL, OBJECT OF USE: THE
CONDITION OF THE SLAVERED BLACK IN BERNARDO ÉLIS'
ROMANCE CHEGOU O GOVERNADOR*

Wanderson Alves Barbosa

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
gowamderson@gmail.com

Resumo: A condição histórica do negro escravizado na capitania de Goiás é analisada a luz da escrita de Bernardo Élis em seu livro *Chegou o governador* que é um romance fundamentado dos costumes e vivências na referida capitania, e no qual anos de pesquisa se fundem a uma deliciosa narrativa romancada. Somados ao endosso de outros atores do processo histórico estão discutidos temas como o dia a dia do negro, seu modo de vida, papel social e raro protagonismo; mesmo com as naturais dificuldades da escassez de material histórico mais antigo do estado de Goiás e sendo os relatos igualmente raros e de observadores assombrados e preconceituosos que por aqui passaram alcançamos nosso propósito de trazer luz sobre a situação do negro no Goiás colonial e sobre seu papel na escrita de Bernardo Élis.

Palavras-chave: Negro. Escravidão. Bernardo Elis. História. Goiás

Abstract: The historical condition of the enslaved Negro in the captaincy of Goiás is analyzed in the light of the writing by Bernardo Élis in his book *The Governor Arrives*, which is a novel based on customs and experiences in that captaincy, and in which years of research merge into a delicious narrative romanticized. In addition to the endorsement of other actors in the historical process, topics such as the black man's daily life, his way of life, social role and rare protagonism are discussed; even with the natural difficulties of the scarcity of the oldest historical material in the state of Goiás and the reports being equally rare and of haunted and prejudiced observers who passed through here, we achieved our purpose of shedding light on the situation of blacks in colonial Goiás and on their role in the writing of Bernardo Élis.

Key-words: Black. Slavery. Bernardo Élis. History. Goiás.

Lendo o escritor

Falar de um tema tão controverso quanto a questão do negro escravizado com base numa obra que conforme descrita pelo seu próprio autor não pode ser considerada mais do que um simples romance com dados históricos pode parecer irresponsável, porém diante de um tema tão abrangente e por consequência controverso levando em conta suas implicações históricas e o fato de essa escrita estar mormente pautada em analisar a escrita de um romance pode levar o observador desatento a desaprovar ou discutir sua profundidade. Uma vez que a escrita desse artigo tem por base principal o romance *Chegou o Governador*, de Bernardo Élis, primeiro nos faz necessário falar de quem foi esse grande escritor e porque sua literatura romanceada tem esse peso pra se discutir um tema histórico.

A literatura de Bernardo Élis é por si só um uma inteira bacia de águas profundas que vai se tornando rasa e navegável à aquele que como um paciente navegador se ajusta a todos os seus instrumentos de navegação, o leitor da obra de Bernardo precisa de antemão e de forma imperativa no pré mergulho nas águas de suas criações entender o quanto era apurado o gosto estético do escritor e como sua capacidade de misturar o real e o criativo era salutar, como um bolo no qual os ingredientes se fundem de uma forma incrível trazendo no fim um sabor único no qual só um bom degustador pode sentir separadamente os ingredientes da formação, a escrita de Bernardo Élis traz essa mágica de fundir fatos históricos com um romancear rico e gostoso que faz perder o limite entre a realidade histórica e a ficção a qualquer olhar que não seja afinado com a verdade documentada dos fatos.

Bernardo Élis cita durante toda a tessitura de sua escrita autores da época dos fatos por ele narrados, a mesma escrita em seu corpo nos dá a ideia de uma monografia bem escrita, embasada e finalizada com o sabor de um romance atemporal a que nada falta, assim sendo falar da condição do negro escravizado como esse texto se propõe não se torna difícil e árduo, mas acaba por toda perfeita construção do texto do autor, um trabalho fácil e seguro. Apesar de não haver grande número de personagens negros na obra, a perfeição histórica da narrativa que trabalha com maestria os costumes da época não deixa faltar o negro em seu dia a dia que era por conseguinte o dia a dia do branco, sendo qualquer trabalho braçal indigno para o branco livre a presença negra no dia a dia da época e consequentemente no romance é de ordem quase que indispensável,

após esse introito necessário passamos a questão do negro na obra e em seu contexto histórico nessa obra que como as demais obras de Bernardo Élis denunciam maus tratos e expõe costumeiras hipocrisias de nossa sociedade e da psique humana.

Como prenuncia o título o presente artigo observara a situação do negro de três prismas comparativos a saber: animal de carga, bicho doméstico e objeto de uso, os quais por tópico começamos a tratar com o cuidado necessário a qualquer análise que se proponha firme e verdadeira, tentar enxergar com as lentes do autor a situação dessa parcela da sociedade que na época retratada vivia nessas condições acima intituladas, mas que tem sua existência retratada pelo olhar denunciador de Bernardo Élis e diante de sua capacidade de retratar o oprimido como forma de pressionar o opressor, o negro de forma alguma passaria despercebido nessa crítica social e aos costumes, que esmiúça a hipocrisia e deixa nua a injustiça.

Animal de carga

Como dito anteriormente a história da própria sociedade escravagista se mistura a história do negro escravizado, como a história documental é para o homem branco e rico a obra de Bernardo traz um diferencial na perscrutação da vida do negro que é a narrativa fiel dos costumes e do dia a dia, assim sendo se caminhamos por seu livro veremos o negro colocado no seu lugar comum de serviço, a própria trama e os arranjos espaciais é que vão chamando o olhar do observador para cada uma das mazelas e para as raras benesses quando essas acontecem.

O romancear do autor é um casamento perfeito com os costumes e os fatos históricos, e apesar de sua negativa de ser esse um romance histórico, uma simples pesquisa de minutos descaracteriza a afirmativa e nos põe diante das provas de que sua obra tem um peso inimaginável de evidências históricas centradas nos costumes e nos fazeres da gente goiana das épocas evocadas, em face disso no início da obra na página 11 encontramos retrato do negro no seu meio comum, o dia a dia, o serviço diário, no qual o negro escravizado realiza dentre um grande número de serviços o transporte humano, com ares de animal de carga e sempre e sempre presente e necessário como faz saber o próprio autor nesse trecho: ‘Duas cadeirinhas conduzidas cada uma por dois escravos aproximaram - se , nelas se instalaram as quatro pessoas da abastada família Almeida, e se encaminharam para casa. (ÉLIS, 1987, p. 11)

Já nessa primeira citação já é possível alcançar o olhar do negro da forma como ele sempre aparece na obra, sempre a sombra, sem menções muito profundas, porém com uma visibilidade que permite a leitura das injustiças e dos descasos perpetuados com os dessa condição, Bernardo Élis em boa parte de sua obra expõe a situação das gentes que tem sua existência atravancada pelo simples fato de existirem, e nessa obra fica fácil a leitura dessa verdade na narrativa que abrange o negro escravizado, mas também o índio, o alforriado, o mestiço e qualquer outro que destoe do que se destoe do europeu branco e nobre. O romance conforme narrado, as citações de grande nomes conforme Saint Hilaire dão a narrativa uma segurança histórica que não é comum aos romances, ainda que históricos, o autor coloca tanta verdade naquilo que narra que tem se a impressão de estar lendo um documento. Em se tratando do povo preto é possível ver com os olhos do autor claramente a situação daquela gente numa Goiás que nem para a antiga classe rica oferecia mais o necessário para a opulência, em suas palavras essa situação é apresentada nos seguintes termos: “O que chocava era a pobreza, a miséria de grande parte da população, especialmente dos negros seminus e desnutridos, com aqueles grandes olhos brancos suplicantes” (ÉLIS, 1987, p. 14).

O texto citado mostra de forma clara a situação não só da capitania de Goiás no período que ambienta a obra, mas clarifica o reflexo desse estado que era já de quando as minas goianas entram em declínio e assim a busca de novas jazidas e a tentativa de outras fonte de renda faz minar a fonte de riqueza da elite, assim um sem número de gente branca mas sem posses, tem que encontrar lugar entre um outro sem número de gente rejeitada, igualados pela pobreza eles se amontoam e fazem a classe escravizada padecer ainda mais, uma vez que seu lugar na casta social estava muito aquém desses. Nesse período de escassez segundo a grande estudiosa Gilka Vasconcelos estariam então fadados ao declínio que a própria atividade escravagista os condenaria, por ser segundo ela rudimentar:

No período ora estudado, as forças produtivas se revelam muito rudimentares. Representadas pelo escravo, um meio econômico do senhor e não produtor direto, e seu elementar equipamento técnico carregam o ônus do sistema, resultando em uma fraca performance econômica. (SALLES, p. 27)

Pelo que foi acima citado se vê que a existência do escravo numa sociedade onde esse não estava plenamente inserido no sistema de trabalho, e que no caso de Goiás a falida mineração fazia com que essa gente fosse mais estorvo e símbolo de

poder e status do que realmente mão de obra, esses negros escravizados estavam num vão aberto entre algumas classes distintas como lavouristas e artesãos e que viviam em volta dos negócios das minas como afirma Salles:

O pequeno lavourista tinha suas oportunidades pois nas minas, a falta de víveres foi crônica. Os pretos e mulatos forros, os índios desgarrados, os mestiços, alguns brancos gravitavam em volta das minas e de seus negócios, e viviam das migalhas que respingavam. Compunham a população marginal dos povoados oscilantes, dos sítios e fazendas. (SALLES, p. 27)

Nisso tudo aqui apresentado podemos nos firmar no pensamento no negro escravizado como animal de carga, partindo da veracidade do relato histórico e do salutar relato dos costumes desempenhado por Bernardo Élis na tessitura desse romance e conseqüentemente na condição muito bem apresentada por ele da classe negra daquele tempo. O negro era de certa forma um fatal reflexo da condição social de seus proprietários e mostravam em seus modos o quanto seus senhores ainda estavam ou não próximos daquilo que era o ser nobre e civilizado para aquela gente. A narrativa brilhante dos costumes da época nos brindam com uma riqueza de detalhes históricos que com certeza nos transportam com fidelidade para o período descrito e nos emociona com a precisão e exemplificação, um desses costumes era a cadeirinha de transporte que representava em sua composição e nos seus detalhes a riqueza de seus proprietários, assim com a indumentária dos escravos que a carregavam precisava também estar à altura da personalidade que ali viajava. Como um bom e rico cavaleiro cuida muito bem de sua montaria para que fique vistosa e apresentável, assim também, para efeito de status um senhor rico também cuida bem dos escravos que vão fazer o seu serviço de carga, para que neles também se transpareça suas posses, isso era uma comum como podemos perceber dessa transcrição, que narra os preparativos para um evento social:

Angelina redobra de entusiasmo, enfrentando com mais ardor as tarefas de apronto de indumentária. Queria ainda que a cadeirinha estivesse bem limpa, de cortinas lavadas e passadas, com os negros dos varais asseados, de chapéu escovado e robissão bem passado, por cima da camisa impecavelmente lavada e passada, que era preciso mostrar àquele pessoal da corte que por aqui também havia moda e havia modos... (ÉLIS, 1987, p. 23).

Nesse sentido, dos transportes da colônia e principalmente da capitania de Goiás é que vemos a condição de animal de carga, essa moda e costume não passava de Goiás, aqui também se tinha a necessidade de copiar a corte no uso cadeirinhas, palanquins, séges, liteiras e outros com os quais a gente abastada se movimentava à custa da força

escrava, que por sua vez era tomada por animal de carga dos senhores, veículos comuns movidos a energia humana, como os retratados abaixo:



Imagem. ??
Fone???

Esses objetos de desejo eram também um cartão de visita dos senhores, símbolos de sua riqueza e refinamento como melhor roupa e melhor adorno, também melhor escravo era uma forma de opulência e glamour. Élis retrata bem em um trecho da obra aqui estudada o que isso significava nos ajuntamentos sociais: “Com o cair da noite, começou a chegar gente. Para o salão entraram principalmente os que chegaram em suas cadeirinhas, serpentinas ou palanquins conduzidos por negros adrede trajados, muitos já trazendo os archotes acesos”. (ÉLIS, 1987, p. 28)

Essas narrativas endossam o que se diz da condição da gente preta daquela época, que desempenhava como que num jogo de castas o trabalho inferior que ao branco livre, ainda que pobre era por demais indigno, de forma que caberia a ele, o negro escravizado, e somente a ele o trabalho que um branco não pensaria em fazer. O trabalho pesado era uma chamada para a qual o nome e o sangue impediam a resposta:

As catas estavam esgotadas, a lavoura era impraticável especialmente na redondeza de vila boa, por falta de recursos de exportação, porque o mercado local não consumia a produção, porque a maior parte dos vadios eram filhos-família a quem era interdito qualquer tipo de trabalho, já que trabalho era tarefa exclusiva de negros escravos e nunca de brancos livres. (ÉLIS, 1987, p. 29)

O aspecto da narrativa de Bernardo Élis é tão real e historicamente verídico que acompanha as narrativas documentais que são frutos de grandes pesquisas empreendidas

antes de iniciar a escrita, como podemos perceber de conversas com pessoas que tiveram a oportunidade de viver com ele e conhecer sua forma de escrita. O sentido de animal de carga é colocado em consonância com o pensamento de supremacia do branco livre que já tinha uma ideia de que muitos dos trabalhos eram indignos para sua classe, sendo esses sequer cogitados. Numa parte do livro onde o governador junto a um grupo de homens começa numa visita a discussão da construção de um local de eventos, que seria ponto de encontro da sociedade vilaboense fica claro numa fala esse pensamento segregador que depositava no negro a responsabilidade do trabalho que era ao branco livre indigno:

_ E a água? _ perguntou o ajudante de ordens. _ haverá por aqui, um lugar tão alto, alguma fonte?

Não havia momento melhor para que o sr Brás Martinho demonstrasse conhecer perfeitamente a região. Imediatamente informou que havia uma fonte logo embaixo, desaguando para o lado da cidade. Talvez não se conseguisse fazer a água chegar até o alto a não ser com bombas, máquinas inexistentes e desconhecidas em Vila Boa. Mas se poderia fazer um tanque e baldeá-la por força de escravos. (ÉLIS, 1987, p. 64)

O que é acima citado mostra com clareza que não havia obstáculos a se contornar ou soluções a se cogitar quando o simples ordenar da mão de obra negra poderia resolver de imediato ou com menor custo, não importava nada desde que se pudesse fazer uso desse animal de carga dentro do tempo calculado de sua vitalidade, isso tudo era pensado como nos faz saber o historiador e cientista social brasileiro Jacob Gorender num trecho de sua esclarecedora obra *O escravismo colonial*, na qual ele assim retrata essa realidade:

[...] o extermínio da vitalidade do escravo num prazo calculado. Como implicava a coação física num clima de aterrorização permanente da massa escrava, o que exigia castigos diários rotineiros e castigos excepcionais de exemplaridade 'pedagógica', no Brasil não menos iníquos que em outras regiões escravistas. (GORENDER, 1978 p. 356).

Noutro trecho de *Chegou o Governador* essa situação fica ainda mais evidente, quando o autor mostra o ciclo que uma ordem percorre até chegar a seu destino final mesmo para coisas simples do dia a dia e assim evidencia o lugar de exploração da mão de obra escrava:

Naquela tarde, havendo ido até o morro de São Gonçalo, o governador queria um banho mais farto e de maior largueza, como pediu ao Sr. Penha que transmitiu a ordem ao mordomo e este por sua vez aos escravos encarregados de semelhantes obrigações. (ÉLIS, 1987, p. 64)

A exploração da mão de obra escravizada no seu prisma animal de carga poderia render por si só um estudo de resmas de papel, ela é sem dúvida a perspectiva pela qual o indivíduo fisicamente falando sofria as maiores crueldades, contudo não o fazendo aqui, passamos para uma análise da situação do negro como objeto de uso, que embora muito poetizada e romantizada nem de longe é uma nuance menos hedionda que as demais.

Objeto de uso e bicho doméstico

Muito se tem ouvido sobre a consequente miscigenação que deu cor ao brasileiro, dessa muito se tem louvado, mas pouco se esmiúça de suas origens, de como ela se deu e a que preço ela ocorreu, independente de qual autor, e salvaguardando qualquer exceção à regra, a miscigenação ocorreu de anos de estupros, de relações entre diferentes, naquele contexto entre a mercadoria e seu proprietário, a alcova do branco senhor sempre esteve servida do negro, para a manutenção da honra das virgens e sacralidade do sexo matrimonial. O pecado sempre esteve liberado no deleite dos brancos senhores, ainda mais quando esse deleite se dava com alguém que era considerado um tanto menos humano, um bocadinho menos gente, sem nenhuma defesa, como convém aos olhos de quem lida com um objeto, os estudos de todos esses processos mostram que o negro escravizado era o último degrau do humano na colônia e consequentemente na capitania de Goiás, acerca desse pensamento nos endossa Gilberto Freyre quando fala das mulheres negras e de sua situação de abandono perante qualquer órgão, inclusive os eclesiásticos que a índios e outros assistiam com mais doçura e presença:

Introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual a seu favor não se levantou nunca, como a favor das mulheres índias, a voz da poderosa companhia. De modo que por muito tempo as relações entre colonos e mulheres africanas foram as de franca lubricidade animal. (FREYRE, 2006, pág. 516).

O texto de Bernardo Élis em *Chegou o Governador* mostra essa realidade mais aprofundada, seu estudo realça essa condição de objetificação do negro, podemos encontrar essa relação em toda obra, mas para o fim desse prisma dois personagens chamam atenção nessa parte e ilustram essa condição análoga a um objeto de uso a que

se submetia o negro escravizado, a de ser submetido ao uso de seu corpo para um deleite que não se podia esperar dos outros corpos sem algum tipo de consequência, inclusive o do índio, são eles a negrinha que aparece no quarto de banho do governador e o escravo Antínoo do nobre Raimundo Nonato Hyacintho, mas passemos a falar primeiro da negrinha a quem não se dá nome, apenas vaga origem e é personagem que aparece mudando o rumo da narrativa e que traz nos acontecimentos de sua passagem pela obra as três definições que dão título a esse artigo, ela aparece de uma só vez bicho doméstico, animal de carga e objeto de uso. Nossa cena de aparição é a cena do banho do governador, icônica cena cuja narrativa ocupa mais de três páginas e impressiona pela beleza narrativa, essa cena inclusive rendeu um quadro da escritora e artista plástica Maria Carmelita Fleury curado, esposa de Bernardo Élis que assim retratou a mocinha negra em quadro hoje na pinacoteca do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do cerrado _ ICEBE, e que aqui reproduzimos para ilustração:



Imagem 1. Chegou o governador: quarto de banho, 1987, óleo sobre tela de Maria Carmelita Fleury curado.

A cena do quadro mais do que fiel aos costumes da época é um brinde por ter contado com a imagem mental do autor, que nos apresenta a escrava e denota numa só compilação o endosso do que até agora escrevemos, desde as ordens que hierarquicamente são distribuídas até o trato com os escravos, mas acima de tudo os costumes da gente daquela época:

Num minuto o governador foi ao dormitório, pôs uma roupa adequada e veio para o banho, em cuja sala encontrou um pretinha escrava e filha de escrava da cozinha, que enchia de água a bacia maior. D. Francisco ficou na casa de banhos esperando que a mocinha arrumasse as coisas. Ela esfregou o chão, esfregou as paredes, pondo-se para isso de joelhos, ora agachada, ora de quatro pés, vestida que estava com um camisolão grosseiro sobre o corpo adolescente, que lhe desnudava as coxas, os braços, o colo, ressaltando os seios jovens, sublinhando os quadris e as nádegas polpudas. (ÉLIS, 1987, p. 64).

O trecho acima poderia ser contemporâneo nosso, acontece com poucas diferenças em muitos lugares mundo afora, mas nessa ocasião sendo essa cena um dos muitos pontos altos do romance, ela nos faz viajar nos diversos aspectos desse estudo, a disponibilidade da negrinha ali, seus pés descalços, sua roupa composta de uma peça única, fazia dela algo muito afim ao disponível, totalmente possível e sem necessidade de ser conquistado, sim, conservando a sacralidade das nobres sinhazinhas brancas, o demais era presa fácil e acessível, como disse Gilberto Freyre descrevendo a relação típica dessa cena: “Entre brancos e mulheres de cor estabeleceram-se relações de vencedores com vencido – sempre perigosas para moralidade sexual”. (FREYRE, 2006, p. 51).

Assim sendo, na qualidade de bicho doméstico e animal de carga, a personagem ali no chão desempenhando seu papel caminhava para a incorporação do ser objeto de uso, pautada na consciência do vencido diante da grandeza e do poderio do vencedor, assim a história segue e seu clímax já tão obvio, não para o governador ali presente diante da menina negra, mas o era para todo branco da terra, que desde a meninice, iniciados nas atividades sexuais com negras, sabia bem os prazeres e como extrair os tais desde a tenra idade, vemos aqui conforme narra Freyre 2006 os costumes sexuais dos adolescentes da colônia: “As primeiras vítimas eram os moleques e os animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável”. (FREYRE, 2006, p. 455).

Apesar de não ser o Governador, personagem do romance, alguém que tenha vivido a infância em terras brasileiras, essa citação serve para explicar o quanto essa imagem e toda essa dinâmica já era comum por aqui naqueles tempos, mas ainda dentro da trama toda, não há dúvida de que a condição na menina é por si só um convite a volúpia, principalmente estando ela na condição de objeto de uso. Passamos para a impressão que a imagem da negrinha causava no observador, ainda pouco acostumado a essas imagens, e vejamos o quanto a narrativa contribui para o que aqui discutimos:

Que idade teria esse bichinho? Sim. Esse o nome verdadeiro _ bichinho. E com não estivesse muito familiarizado com negras, a jovem assemelhava – se mais a um bichinho do que a uma pessoa humana, na sua tez escura mas não de todo negra, com suas formas adolescentes que antes de se adivinhavam sob as vestes grossas mas escassas. (ÉLIS, 1987, p. 64).

A cena que se segue apesar de óbvia vale a descrição, assim como valeria a transcrição de todas essas três páginas que tão bem mostram as particularidades do dia a dia daqueles idos tempos com descrições elaboradas de mobiliário e rituais envolvendo momentos tão rotineiros como uma sessão de banho, e principalmente essa que tendo começado pela preparação do ambiente, passado pela preparação da água e tendo o término prenunciado pelo gentil auxílio da jovem escrava de tirar do governador a bata que o cobria, por fim terminou numa calorosa sena de sexo, o sexo comum das gentes de todo o tempo, mas que aqui, com aquele bichinho como é descrito, sem nome ou referências, apenas retrata a nuance terna do objeto de uso; muitas negras mulheres conseguiram ascender na escalada social através desse ato tão comum a nossa humanidade, mas muito poucas, a maioria terminou nesse anonimato, sendo disponível e pronta como convém a qualquer objeto de uso. Por fim a cena clímax:

Ambos rolaram pelo lajedo tépido, ela com seus líquidos olhos de estupefação e fatalismo iluminando a escuridão do quarto, ele com o coração batendo como se fosse o tantã de algum ritual africano. Gemidos, frases entrecortadas, a boca branca como que cheia de grossos e roxos lábios, ou dos pequenos e tesos peitos de um arroxado de fruto tropical, o mundo se apagando por um momento, embora o cetro reteso de balde lutasse por refugiar-se na proteção mortal da bainha-mãe. (ÉLIS, 1987, p.75).

Por fim a negrinha desaparece na névoa da narrativa, e só vai aparecer de relance bem depois, vítima de degredo e mais maus tratos por causa dessa cena fortuita onde sua aceitação ou não pouco faria diferença, maus tratos eram por sinal o que tinha a

realidade do negro escravizado na capitania e também em toda a Colônia, deles o padre Antônio Vieira, que assim como Bernardo Élis escrevia denunciando com veemência disse nos seus sermões:

Maltratados disse, mas é muito curta esta palavra para a significação do que encerra ou encobre. Tiranizados deveria dizer, ou martirizados; porque ferem os miseráveis, pingados, lacerados, retalhados, salmourados, e os outros excessos que calo, mais merecem o nome de mártírios que de castigos. (VIERA, 1959, p. 365).

Por fim não era só as negras e os senhores que mantinham intimas relações sexuais de uso as claras e sem punição (para os brancos, ou como vingança para a negra descoberta); comportamentos que eram punidos com degredo, tomada de bens, prisões e mortes eram de igual modo tolerados para a gente branca bem nascida, entre as milhares que não sabemos chegou até nos um de relações homoeróticas que naquele tempo tinham muitos outros nomes mas que socialmente enfrentavam com exceções as mesmas intempéries de hoje, se a iniciação sexual também se dava com moleques como disse Freyre 2006, em muitos casos o sexo homossexual acompanhava os brancos senhores até a fase adulta, e sendo essa forma um tanto mais perseguida, ainda assim foi registrada e testemunha também como uma das muitas formas de submeter o negro escravizado a condição de objeto de uso e perpetuar o sadismo que impregnou a nossa cultura e é explicado pelo mestre Gilberto freire nos seguintes termo:

Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa – colonização a princípio, de homens quase sem mulher – e no sistema escravocrata de uma organização agrária do Brasil; na divisão da sociedade em senhores todo poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós; e em geral atribuídas à luxúria africana. (FREYRE, 2006 p. 405).

E dessa questão que se fala, e há que se ponderar que ate que ponto pode o escravizado extravasar luxuria, senão apenas obedecer aos desejos e mandos de seus senhores? Temos na obra chegou o governador um segundo caso que ocupa destaque e que repousa sobre o nobre português Hyacintho e seu escravo Antinoo, que na obra é exibido por sua beleza e lembrança por onde se passa, Hyacintho é citado em diversos momentos na obra e tem sua existência confirmada de forma documental como por exemplo nos textos de Sant Hilaire que escrevendo sobre a capitania de goiás dos brinda

com esse interessante relato, no qual o vemos sendo referenciado nos relatos desse grande e importante autor para a história goiana e nacional como foi Saint-Hilaire (1937, p. 120):

Logo que cheguei a Vila Boa, recebi a visita de todos os altos funcionários do governo. Achei-os com uma aparência bastante honesta e todos estavam vestidos e imaculadamente limpos. Entre todos, o que mais me assediou foi Raimundo Nonato Hyacinto, escrivão da Junta da Fazenda real. Dois dias após a minha chegada ele mandou convidar-me para almoçar em sua companhia, insistindo para que eu comesse em sua casa sempre que não tivesse compromisso de fazer as refeições no palácio. Raimundo tinha nascido na Europa. Era um homem viajado, tinha tido muitas aventuras e gostava de narrá-las. Apreciava as coisas boas da vida, possuía em Goiás uma casa encantadora, que ele próprio mandara construir, em que uma extrema limpeza se juntava a todo o conforto que se encontra nas casas europeias. O fato digno de nora era que todos os seus móveis e a sua prataria tinha sido fabricados em Vila Boa. Na verdade, ele havia fornecido os modelos, mas a sua execução mostrava até que ponto chegavam a habilidade e a inteligência naturais dos artesãos goianos. Ele próprio lhes servira de mestre, e, sob sua orientação eles tinham aprendido a executar uma infinidade de trabalhos que na época eram desconhecidos em Minas. Raimundo mostrou-me entre outras coisas, uma liteira que mandara fazer em Vila Boa, na qual se viam todos os requintes em nossas melhores carruagens. Depois da Revolução que separou para sempre o Brasil de Portugal, Raimundo Nonato Hyacintho foi nomeado membro do Governo Provisório de Goiás; morreu entre 1826/1836.

Sobre o mesmo personagem, nos diz ratificando ainda sua existência o grande escritor goiano e um dos curadores da obra de Bernardo Élis o Doutor Bento Alves Jaime Fleury Curado em um artigo que muito elucida sobre a personalidade de Hyacintho sua sexualidade e que aqui citamos para efeito de registro de sua real existência:

No livro de correspondências do governo das armas com as autoridades civis da Província (1823-1826) aparecem as reuniões para a composição do Governo Provisório da Província de Goyaz, sendo votados os nomes de Manuel Antonio Galvão, representando a ala radical, Álvaro José Xavier, pelo Grupo Jardim e Raimundo Nonato Hyacintho como nome de acomodação que permitia conciliar divergências possíveis. Nas eleições ele teve oito votos, dois abaixo do Presidente, já que era diminuto o número de eleitores nesse certame. Na descrição do livro, mostra-se Hyacintho como fazendeiro e funcionário do Governo em Vila Boa de Goiás e de origem portuguesa fidalga. (Curado & Maia, Ainda não publicado).

Sendo capaz de se provar a existência do fidalgo Raimundo Nonato Hyacintho, o que chama atenção na narrativa do livro Chegou o Governador é a pompa e a constante aura exótica sobre esse personagem, o autor destaca a homossexualidade de Hyacintho

que é aqui para nós importante salientar porque dela surge a questão que nos coloca no olhar do negro escravizado como objeto de uso.

Raimundo Nonato Hyacintho possuía dentre os escravos um que estava sempre com ele e que era objeto de exibição, um escravo a que ele chamava de Antinoo e embora haja veracidade documental em muitos dos fatos e nomes apresentados na obra, o nome do escravo mais parece uma alusão ao relacionamento do imperador romano Adriano que governou Roma do ano 117 a 138 d.C com seu escravo Antinoo, com o qual vivia uma relação que para os padrões gregos era totalmente aceitável. A história narra que após a morte do escravo o imperador viveu um luto grandioso ordenando a construção de uma cidade e a criação de um culto a divindade de seu amante, é dessa história real que no romance de Bernardo Élis a questão sexual fica um tanto mais explícita.

A situação do nobre e do escravo estão entre aquelas que não se punem apesar de puníveis. Na colônia fechar os olhos para coisas que o sistema oficial de crenças a moral e a própria igreja censuravam e puniam era comum a qualquer que fosse português, nobre ou rico e isso é sem dúvida objeto de dura crítica do autor de *Chegou o Governador*. Tudo era meio que permitido e assim sendo as pessoas ignoravam dessa classe mais abastada e influente as faltas que cobriam de qualquer mero mortal; temos disso que, como em qualquer tempo e sociedade há aqueles que zombam das leis, achincalham os costumes e desconhecem o respeito na certeza da impunidade, essas atitudes são destacadas e criticadas por Bernardo Élis durante toda a obra, fazendo menção dos desmandos das autoridades, dos nobres e do clero, inclusive num trecho do livro se lê: “Certa vez abriu uma correição para punir os concubinos, que eram crime tanto na lei do rei, como nas leis da igreja, e que era praticado por pobres e ricos, com maior frequência, porém, pelos portugueses detentores das altas funções do reino” (ÉLIS, 1987, p. 29).

A relação entre o fidalgo e o escravo aparece diante de toda a trama sob os olhares desconfiados e inquisidores de todos, assim com muitas são as menções ao comportamento atípico do primeiro, são também notórias as falas em que é mencionado o senhor Hyacintho e sua sexualidade, tais como essa que aqui transcrevemos:

Outro par era formado pelo Sr. Hyacintho que levava nos braços uma mulher ricamente vestida: a amásia do ouvidor Lis. – O Hyacintho com mulher! Exclamavam homens e mulheres, estas últimas trocando entre si olhares significativos e curtas frases picadas de risotas. Via de regra, o funcionário da

Fazenda nunca era visto em companhia feminina. Seu parceiro habitual era o belo moço escravo – o Antinoo – como lhe chamara a maledicência do Cônego Silva e Souza. (CURADO, 1987, p.38)

Não bastasse a desconfiança de toda a gente com seu escravo e com a relação que levavam, esse servidor do rei estava sempre disposto a mostrar a realidade de sua vida com o escravo bem como enaltecer sua beleza diante de quem quer que fosse, fazendo assim ser natural que o escravo, objeto de uso, era algo precioso para ele, não por quem era, mas pelo que era (um belo exemplar de beleza masculina) e por isso ele não se furtava de apresentar o belo diante de qualquer que fosse, nem mesmo o próprio governador:

Aí é que apareceu o Hyacintho sempre trêfego bem posto na roupa de talhe sóbrio, o que levou o capitão-general a dizer: - Hyacintho, meu caro, és o único a lembrar nesta terra que no mundo existe a moda. Estás sempre de acordo com os novos figurinos. Prontamente respondeu o escriturário: - É que não reparas no meu Antinoo. O jovem governador ficou por um instante sem compreender, inclusive esse esquisito nome terminado por dois “oo”. Que seria aquilo? Num gesto meio lânguido e num sorriso quase de escárnio, Hyacintho completou: - Pobre Portugal! Em Coimbra já não se conhece a história dos imperadores romanos, especialmente Adriano! E prosseguindo: - Venha até a janela, venha ver o meu Antinoo! Francisco Mascarenhas, o nobre estudante que abandonara o curso em Coimbra, que talvez nunca houvesse ouvido falar de Antinoo, aproximou-se da janela e viu em frente a uma cadeirinha descansada no lagedo do Largo, com dois escravos sentados no chão, entre os varais, e de lado a bela figura de um moço, vestido apenas com uma escassa tanga dourada, cujas formas perfeitas lembravam uma estátua feita de bronze – era o Antinoo do Hyacintho; antes era o “súcubo elafiano” como diziam que o chamava o Cônego Silva e Souza entre irônico e tradutor da Arcádia grega. Disfarçando o riso, sem comentar o que via, o governador sugeriu ao Hyacintho que dispensasse o Antinoo e ficasse para um cavaco. (CURADO, 1986, p. 79).

Se percebe nessa fala que a ostentação do escravo numa época daquela, com todas as suspeitas que recaiam sobre o fidalgo, fosse ele da sorte das demais pessoas, sem prestígio provavelmente teria sucumbido ante o julgamento da maioria, no seu caso também se percebe a tessitura da crítica do autor sobre os costumes e as convenções da sociedade brasileira e também goiana daquela época, que tapava o sol com a peneira; a literatura de denúncia de Bernardo expões de uma forma irreverente mas incisiva esse desvio do que se mostra aceitável para o povo, mas não é praticado pela pequena parcela da sociedade investida de seus privilégios e arraigada na forma mais cruel das injustiças.

Sendo da escrava descalça que dorme aos pés da cama de sua senhora, ou daquela que se deita com seu senhor, todas as formas de abusos decorrentes dessa relação pouco igualitária maculam a natureza do humano por si só e revelam a forma desumana do tratamento dispensado a gente preta que como animal de carga, objeto de uso e bicho doméstico enfrentou e ainda enfrenta as mazelas do terrível período da escravidão e de sua consequência estendida. Por fim numa citação de seu livro *Sombra dos quilombos*, Martiniano Jose da Silva coroa e resume bem o meu sentimento quanto a capacidade de Bernardo Élis de denunciar os maus tratos a gente preta e mestiça:

Não se quer ofender os melindres de ninguém, mas Bernardo Élis é certamente a figura maior no elenco dos escritores de Goiás. As personagens de seu agrado são os injustiçados, os humildes, a grande galeria que vive no submundo da injustiça social, onde estão os negros, os mulatos, a grande família dos amorenados. (SILVA, 1974 p. 63).

Diante da grandeza sintetizadora desse testemunho de Martiniano nada tenho a acrescentar, e já passo para as considerações finais desse meu texto, que orgulhosamente finalizo com essa citação e também com ela o abro, neste mês (novembro de 2020) de comemorações a memória desse grande escritor eu só tenho que dizer o que lhe faz jus a memória de grande justiceiro dos vulneráveis: Salve Bernardo Élis.

Conclusões

O tabu continua, gerações vieram e se foram e a questão do desdobramento temporal da causa do negro ainda rende discussões calorosas como as da época dos movimentos abolicionistas; não há ainda um equilíbrio apesar de todos os esforços sociais e filosóficos para que as disparidades e as dívidas históricas sejam sanadas sem muita briga, mas uma coisa é inegável, e dela dependeu e se alicerçou esse artigo: a boa vontade de gente que denuncia e alerta para a clareza da razão dos fatos; gente que não tem medo de ser agente da mudança e gerador do debate como é o caso de Bernardo Élis que fez de sua literatura uma grande máquina motriz de movimentação e discussão social.

Se hoje ainda não temos consenso para simples termos, temos por outro lado vitórias muito grandes em um período curto de tempo, vitórias essas que devemos a um

sem número de agentes que podendo figurar em lados opostos e confortáveis das batalhas de classes, por empatia escolhem o lado do oprimido e fazem de sua vida e de sua produção seja ela qual for um meio de melhorar a vida daquelas pessoas que tem a existência atravancada pelo simples fato de ter nascido, parece muito redundante mas é isso que faz a literatura de Bernardo Élis como um todo, e principalmente a obra aqui estudada (chegou o governador) que com maestria faz clara denúncia e mostra sem medos a disparidade de tratamento do negro no período histórico por ela retratado.

O presente artigo como anteriormente foi dito não pretendeu esgotar o tema, mas ser o que foi o próprio texto do livro; um estopim para que mais e mais pessoas e estudiosos possam seguir por esse caminho tão pouco explorado que é a relação da escrita de Bernardo com a questão do negro e a própria obra chegou o governador que não estando entre as mais citadas e comentadas de suas criações, é sem dúvida um de seus maiores presentes para as gerações futuras.

Referências

CHAUL, Nasr F. **Caminhos de Goiás: da construção da “decadência” aos limites da “modernidade”**. Goiânia: Ed. da UFG/Ed. da UCG, 1997.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4ª ed. São Paulo: Fundação Ed. da Unesp, 1998.

CURADO, Bento Alves de Araújo Jayme Fleury & MAIA, Carlos Eduardo Santos. **“Diabos novos” nos sertões do “Diabo Velho”?** (ainda não publicado).

ÉLIS, Bernardo. **Chegou o governador**. Jose Olympio . 1987.

_____. **Veranico de janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

_____. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1983.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. 5. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

REBELO, Péricles Xavier. **Goiás, usos e costumes**. Goiânia: DEC, 1987.

LOIOLA, Maria Lemke. **Trajetórias para liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 2009.

PALACÍN, Luiz. **O século do ouro em Goiás: 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. – 4 ed. – Goiânia: Ed. UCG, 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte, DEC, 1937.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. **Economia e escravidão na capitania de Goiás**. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1992.

SPENCER, Colin. **Histoire de l'Homosexualité: de l'antiquité à nos jours**. Paris : Le Pré aux Clercs, 1995.

SILVA, Martiniano J. **Sombra dos quilombos**. Goiânia: Ed. Barão de Itararé/Ed. Cultura Goiana, 1974.

_____. **Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava, 1719-1888**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2008.

VASCONCELOS, Agripa. **Chica que manda**. Belo horizonte. Ed. Itatiaia, 1967.

VIEIRA, Antonio. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1959.

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Wanderson Alves Barbosa

Escritor. Professor. Pesquisador. Graduado em Direito e Filosofia. Especialista em Docência do Ensino Superior. Membro do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado cadeira nº 50 patrono Cora Coralina. Imortal da Academia de Letras e Artes de Anicuns Cadeira nº2 patrono Cruz e Souza.

Recebido para publicação em outubro de 2020
Aprovado para publicação em novembro de 2020